

A promessa das condições sanitárias nas fronteiras europeias

The promise of sanitary conditions at European borders

La promesse des conditions sanitaires aux frontières européennes

Ana S. Mendes¹

(1) Humans Before Borders, Lisboa, Portugal. E-mail: mendes.anasoraia@gmail.com

Resumo

“Solidariedade, violência, esquecimento: os três tempos de Lesbos”, uma exposição fotográfica aberta entre dezembro de 2025 e janeiro de 2026 em Lisboa, parte do exemplo de Lesbos para refletir sobre a evolução das políticas migratórias em território europeu, na última década. Nessa ilha grega, um centro destinado a pessoas em movimento teve especial destaque pelas condições sanitárias em que encerrava milhares em território europeu: o campo de Moria, em Lesbos. Após o incêndio que encerrou o seu último capítulo, a Comissão Europeia financiou cinco novos campos nas ilhas gregas, prometendo instalações adequadas que cumprissem as normas da UE. O que nos ensina esta fronteira europeia sobre o cumprimento do direito internacional ao saneamento básico?

Palavras-chave: Direitos humanos; Saneamento; Saúde; Requerentes de asilo; Grécia; Campo de refugiados.

Abstract

“Solidarity, violence, forgetting: the three phases of Lesbos”, a photographic exhibition open between December 2025 and January 2026 in Lisbon, uses the example of Lesbos to reflect on the evolution of migration policies in Europe over the last decade. On this Greek island, one centre for people on the move has been particularly notorious for the sanitary conditions in which it confined thousands of people on European territory: the Moria camp on Lesbos. After the fire that closed its last chapter, the European Commission funded five new camps on the Greek islands, promising ‘suitable and futureproof facilities that would be up to EU standards’. What does this European border teach us about compliance with international law on basic sanitation?

<https://doi.org/10.25761/anaisihmt.560>

Keywords: Human rights; Sanitation; Health; Asylum seekers; Greece; Refugee camp.

Résumé

“Solidarité, violence, oubli : les trois temps de Lesbos”, une exposition photographique ouverte entre décembre 2025 et janvier 2026 à Lisbonne, s’appuie sur l’exemple de Lesbos pour réfléchir à l’évolution des politiques migratoires sur le territoire européen au cours de la dernière décennie. Sur cette île grecque, un centre destiné aux personnes en déplacement s’est particulièrement distingué par les conditions sanitaires dans lesquelles il enfermait des milliers de personnes sur le territoire européen : le camp de Moria, à Lesbos. Après l’incendie qui a marqué la fin de son dernier chapitre, la Commission européenne a financé cinq nouveaux camps dans les îles grecques, promettant des installations adéquates conformes aux normes de l’UE. Que nous apprend cette frontière européenne sur le respect du droit international en matière d’assainissement de base?

Mots-clés: Droits de l’homme; Assainissement; Santé; Demandeurs d’asile; Grèce; Camp de réfugiés.

Quando falamos de fronteiras e migrações, o primeiro direito que nos ocorre é aquele que concede proteção internacional, previsto pela Convenção das Nações Unidas sobre o Estatuto dos Refugiados. Menos evidente é o direito ao saneamento, acostumado a receber menos atenção política, jurisprudencial e académica [1]. Apesar de não constar na Declaração Universal dos Direitos Humanos, o direito humano à água e saneamento viu-se consagrado em 2010 pelas Nações Unidas [2], reconhecendo que o seu difícil acesso está na base da transmissão de doenças (resultando em 1,4 milhões

de mortes anuais, segundo dados de 2023 da Organização Mundial de Saúde - OMS), do abandono escolar, da perda de oportunidades profissionais e do risco de agressão sexual [3].

Nos últimos dez anos, uma estrutura de fronteiras teve especial destaque pelas condições sanitárias em que encerrava milhares em território europeu: o campo de Moria em Lesbos, “famoso pelas suas sanitas sujas” [4].

Através de fotografias tiradas em 2025, procurei evocar a realidade vivida por pessoas migrantes nesta ilha grega, num projeto fotográfico em colaboração com a Humans Before Borders, a que chamamos “Solidariedade, violência, esquecimento: os três tempos de Lesbos” (Fig.1) [5], exposto entre dezembro de 2025 e janeiro de 2026 em Lisboa. A exposição parte do exemplo de Lesbos para refletir sobre a evolução das políticas migratórias em território europeu na última década, desde a crise humanitária de 2015, com um destaque especial para o papel do campo de Moria no desenrolar de eventos.



Figura 1: Skala Sikamineas, Março 2025

Neste texto, analisarei as condições sanitárias nestas instalações até à sua destruição em 2020, bem como que lições terão sido implementadas na construção e manutenção dos campos que se seguiram naquela região, para que possamos responder à pergunta: o que nos ensinam as ilhas gregas do Egeu sobre o cumprimento do direito internacional ao saneamento básico na União Europeia?

Adoto o conceito de saneamento de Langford *et al.* (2017) [1], que vai além do da OMS, incorporando não apenas a gestão de instalações e tratamento de resíduos, mas também preocupações com a proteção da dignidade humana, da diver-

sidade cultural e do direito à privacidade:

O saneamento constitui a capacidade de aceder a espaços e instalações (sempre que e onde necessário) que proporcionem privacidade e dignidade para urinar, defecar e praticar a higiene menstrual de uma forma culturalmente aceitável; e que (...) protejam o utilizador, a localidade (...) e a população em geral das consequências adversas da contaminação com os resíduos associados.

Um direito que contempla (i) a responsabilidade na contenção, esvaziamento, transporte, tratamento e reutilização/descarte de resíduos humanos e águas residuais [6]; (ii) a garantia na acessibilidade, disponibilidade, aceitabilidade, custo e qualidade comportáveis [7] e (iii) a garantia da sua manutenção, evitando retrocessos e deterioração das instalações de água, saúde e higiene [1].

“Moria nunca mais”

A expressão acima é de Ylva Johanson, da Comissão Europeia (CE), no rescaldo do incêndio que terminaria os dias do campo de Moria, em setembro de 2020 [8]. Criado em 2013, tornou-se, após a crise humanitária de 2015, o maior centro de migrantes em solo europeu [9].

Nesse espaço previsto para 2.840 pessoas, mais de 20.000 [10] estariam ali contidas no fim de 2019 (Fig.2). Entre os vários motivos que lhe conferiram a reputação de “mais infame” [10–13], destaco aqui as condições de saneamento. O padrão Esfera [14], um manual que define mínimos exigidos para garantir uma vida digna a pessoas deslocadas em matéria de saúde, água, higiene e saneamento, indica que deve existir uma sanita para cada vinte pessoas, disponíveis



Figura 2: Vista exterior do muro do campo de Moria, Março 2025

a 50 metros de distância. Chuveiros, um para cada cinquenta, ambas instalações com iluminação e fechaduras adequadas.

Em Moria, centenas de testemunhos disponíveis mostram um cenário longe do ideal. Os números revelavam a existência de zonas com uma sanita para cada 200 pessoas [15] e um chuveiro para cada 506 (Fig.3) [10]. As imagens mostravam lixo omnipresente onde crianças brincavam [4,8,13,16,17], casas de banho sujas e entupidas, com lama e dejetos sobressaindo na tijoleira [16].



Figura 3: Chuveiros no campo de Moria, Março 2025

Conheciam-se famílias com retretes improvisadas ou que recorriam a fraldas para evitar filas eternas e percursos longos e inseguros à noite [17,18]. Profissionais de saúde exasperados: “Nós tratamos dos pacientes, mas ninguém melhora, é impossível curar algo nestas condições” [19]. Vale a pena destacar também a experiência da comunidade autóctone local, vivendo naqueles anos com o cheiro do esgoto entranhado nas suas casas, como conta um vizinho do campo à correspondente da BBC [20]. Apenas em 2019 os esgotos deste centro foram ligados à estação regional de tratamento de resíduos [21].

À falta de saneamento digno acresciam a alimentação precária, a falta de água e a insegurança [4,10,18,22], tornando Moria “o pior lugar do mundo” [20], com duras consequências na saúde física e mental das pessoas migrantes – 1 em cada 4 crianças apresentava tendências suicidas [23]. Segundo um profissional dos Médicos Sem Fronteiras (MSF) [24]:

Todos os dias tratamos muitas condições relacionadas com a higiene, como vômitos, diarreia, infeções cutâneas e outras doenças infecciosas, e depois temos de devolver essas pessoas às mesmas condições de vida de risco. É um círculo vicioso insuportável.

Foi nesta situação temerosa que os requerentes de asilo – entre os quais idosos, crianças, mulheres grávidas e doentes crónicos [25] – enfrentaram o primeiro ano da pandemia, com cortes diários na água e mais de 1000 pessoas para cada torneira (o padrão Esfera recomenda uma torneira para 250 pessoas, num cenário de saúde e quantidade de água disponível considerado “normal” [14]), escassez de máscaras, luvas e sabão, e milhares concentrados em filas sem possibilidade real de distanciamento [4,8]. Condições que seriam consideradas ilegais, já em 1949,

remontando à Convenção de Genebra (III), para prisioneiros de guerra: “A Potência detentora será obrigada a tomar todas as medidas de higiene necessárias para assegurar a limpeza e a salubridade dos campos e para impedir as epidemias” [26].

Condições que só acabariam a fomentar doença e violência, reforçando a perceção desta comunidade como perigosa e indesejada – “mais ‘um risco’ do que ‘em risco’” [8].

Sobre os motivos que levariam à degradação do campo, voluntários e trabalhadores humanitários partilharam com Gordon e Larsen (2021) [8], a perceção de que seria pelo estatuto temporário deste campo – os chamados *hotspots*. Em segundo lugar, consideravam que a concorrência de várias organizações pelo mesmo financiamento adensava a negligência do espaço: “a limpeza das instalações sanitárias ou a recolha de lixo, são ignoradas em favor de atividades que possam melhorar a imagem da organização” [8]. Consciente disso Steven Heighton [27], um voluntário que se deslocou a Lesbos para ajudar na resposta ao fluxo excecional de 2015, eleva no seu livro de memórias a preocupação de um colega:

No final da primeira semana, para manter boas relações com os habitantes locais, calçou luvas de borracha, atou várias t-shirts ao nariz e à boca, (...) e, peça a peça, ao calor, recolheu os excrementos deixados pela passagem de vários milhares de pessoas. A palavra “herói” não é habitualmente associada à imagem de um homem ajoelhado a encher sacos de lixo com merda humana.

Afinal, como recorda Langford *et al.* (2017) [1], o direito ao saneamento possui uma dimensão híbrida, entre um carácter individual e coletivo, com a sua não concretização a condicionar quer o indivíduo afetado, quer a comunidade circundante, quer a relação entre ambos.

Substituir velho por novo

Se Lesbos ganhou notoriedade pelo campo de Moria, também nas ilhas de Leros, Kos, Quios e Samos era possível detetar migrantes nas mesmas condições degradantes [28,29]. Como tal, em 2019, o governo grego anunciou a construção de novos campos, agora chamados Centros Fechados e de Acesso Controlado (CFAC) [10,19].

Dos cinco CFAC anunciados em 2019 pelo governo grego (governo esse conservador de direita alinhado com as políticas antimigração de Órban), foram inaugurados desde então novos campos em Samos, Leros e Kos, todos em 2021.

A envergadura desta “nova geração [de infraestruturas] nas ilhas do Egeu” (citando a CE [30]) representou um investimento de mais de 200 milhões de euros [31]. Uma linha de construção que só é possível graças ao aumento de 135% dos fundos de gestão de fronteiras, inseridos no Quadro Financeiro Plurianual (QFP) 2021–2028 da UE, comparativamente ao QFP anterior [32].

São superestruturas duplamente vedadas, com torniquetes de controlo, portões magnéticos, raio-X, sistema de controlo de acesso de dois fatores, videovigilância 24/7, drones e monitorização com algoritmos de análise comportamental [30,32–34].

Ainda assim, também nestes exemplares de tecnologia de última ponta, expostos em várias ocasiões a períodos de sobrelotação, “foram observadas deficiências no acesso a instalações e itens sanitários”, segundo o Greek Council for Refugees [35].

Em Leros, foi sinalizada falta de água nas casas de banho e esgotos a transbordar [36]. O mesmo acontece em Kos, inundando áreas *residenciais* do campo, devido a falhas estruturais. Também ali, as instalações WASH (do inglês “água, saneamento e higiene”) rapidamente se deterioraram, com água turva e sem condições de higiene para evitar surtos de sarna [30]. Neste CFAC, apesar das condições sanitárias indignas, não é permitido aos requerentes de asilo entrar com produtos de limpeza no campo [37], uma dificuldade também encontrada por aqueles detidos em Samos [38].

Em 2023, no CFAC de Samos, descrito em 2021 pelo primeiro-ministro grego como “um campo com condições impecáveis” [36], havia apenas três sanitas funcionais para 300 pessoas e água apenas três horas por dia [39]. Há relatos de crianças a urinar em garrafas, no chão ou nas calças, com medo de se deslocar à noite até à casa de banho [36,37].

Já as mulheres, continuam confrontadas com o medo de assédio ou assalto sexual, sendo comum terem de partilhar balneários com homens, expostas em longas filas de espera [40]. Também aqui, pragas nos balneários, como baratas e roedores, doenças de pele, surtos de sarna e problemas gastrointestinais parecem estar na ordem do dia [38,41].

O coletivo Solomon partilhou em 2025 [36] fotos da secção de menores: casas de banho sujas, entupidas e inutilizáveis, água quente inexistente, numa zona que tinha tido já 300 crianças acima da lotação.

Atos de violência

Numa publicação intitulada “Rumo a melhores condições de vida”, a Comissão Europeia imaginou os novos CFAC nas ilhas gregas como “instalações adequadas e preparadas para o futuro que cumpram as normas da UE” [31]. Olhando às condições sanitárias, ainda que tenha havido de facto uma melhoria nas instalações WASH, a CE continua a fracassar em garantir várias esferas do direito ao saneamento – como o esvaziamento, a disponibilidade, qualidade e manutenção. Está assim ainda por realizar o desejo de Ylva, em não repetir as condições vividas no *hotspot* de Moria.

Gordon e Larsen (2021) [8] denunciam como violência a inação por parte dos Estados da UE perante as condições documentadas (Fig.4). Foi também a violência o fio condutor da minha exposição com o coletivo Humans Before Borders. Violência traduzida no esquecimento, quer do passado - daquilo que foi Moria e outros *hotspots* nas ilhas gregas -, quer do futuro, ao esconder vidas humanas em condições humilhantes, nos centros fechados, invisibilizando-as do público geral. Afinal, como o nome indica (“Fechado e Acesso Controlado”), tratam-se de áreas restritas a organizações cívicas e comunicação social [8].



Figura 4: Campo de Moria, Março 2025

As ilhas gregas do Egeu ensinam-nos que é preciso ir mais além do que a simples construção de novas infraestruturas para que se cumpra o direito internacional ao saneamento básico na União Europeia - sobretudo se o seu financiamento continuar associado, como vimos, a uma agenda securitária e não humanista.

Dá-nos ainda as luzes necessárias para refletir não apenas sobre as fronteiras no outro lado da Europa, mas também o panorama nacional. Recordando o intuito do governo português em construir dois CFAC no seu território [42], destaco, o parecer da Amnistia Internacional (2024) [39] sobre o CFAC de Samos:

[Este] deve servir de sinal de alerta para a UE e os seus Estados-Membros na implementação do novo Pacto Europeu sobre Migração e Asilo, que prevê a criação de instalações de acolhimento semelhantes ao longo das fronteiras externas da UE e se baseia na exclusão racializada das pessoas em movimento.

Por último, nos anos recentes, os Estados-Membros têm já sido instados à concretização do direito à água e saneamento, com estes direitos aparecendo reconhecidos como necessidades humanas no Pilar Europeu dos Direitos Sociais, e a sua sustentabilidade compreendida no Pacto Ecológico Europeu [6]. É imperativo que se aplique a mesma exigência sobre o dever de respeitar, proteger e cumprir o direito humano ao saneamento, garantindo que não fica circunscrito a estatutos de cidadania, mas que se veja consagrado em todas as matérias de fronteiras, seja nas ilhas gregas ou em qualquer outro território.

Declaração de conflitos de interesse

A autora declara que não existem conflitos de interesse relacionados com o presente artigo.

Bibliografia

- Langford M, Bartram J, Roaf V. Revisiting dignity: the human right to sanitation. *Right Water Theory Pract Prospects*. 2017.
- Meier BM, Kayser GL, Amjad UQ, Bartram J. Implementing an evolving human right through water and sanitation policy. *Water Policy*. 2013;15(1):116–33. doi:10.2166/wp.2012.198
- WHO. Sanitation. World Health Organization [Internet]. 2024 [citado 29 de janeiro de 2026]. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/sanitation>
- SBS Dateline. Welcome to Lesbos, Greece's refugee island [Internet]. 2020 [citado 29 de janeiro de 2026]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cw6YhUOURVM>
- Mendes AS, Ana S, Mendes [Internet]. s.d. [citado 29 de janeiro de 2026]. The three periods of Lesbos. Disponível em: <https://www.anasmendes.com/photography/lesbos>
- Erridge M. Sanitation in crises: World Toilet Day 2024. *GreenPaths* [Internet]. 2024 [citado 29 de janeiro de 2026]. Disponível em: <https://greenpaths.info/sanitation-in-crises-world-toilet-day-2024-a-reflection-by-marcus-erridge-ces/>
- Meier BM, Kayser GL, Kestenbaum JG, Amjad UQ, Dalcanele F, Bartram J. Translating the human right to water and sanitation into public policy reform. *Sci Eng Ethics*. 2014;20(4):833–48. doi:10.1007/s11948-013-9504-x
- Gordon E, Larsen HK. The violent inaction of the state and the camp as site of struggle: the perspectives of humanitarian actors in Moria Camp, Lesbos. *Eur J Int Secur*. 2021;6(4):418–38. doi:10.1017/eis.2021.9
- Krithari E, MIIR. Mapping the migrant camps in Europe. *European Data Journalism Network* [Internet]. 2021 [citado 29 de janeiro de 2026]. Disponível em: https://www.europeandatajournalism.eu/cp_data_news/mapping-the-migrant-camps-in-europe/
- Markham L. A Map of future ruins. 9780593545577. Penguin Publishing Group; 2024.
- Donadio R. 'Welcome to Europe. Now go home.'. *The Atlantic* [Internet]. 2019 [citado 29 de janeiro de 2026]. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/international/archive/2019/11/greeces-moria-refugee-camp-a-european-failure/601132/>
- Fallon K. Years ago a Greek refugee camp burned. Those blamed say they are innocent. *Al Jazeera* [Internet]. 2024 [citado 29 de janeiro de 2026]. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2024/3/5/years-ago-a-greek-refugee-camp-burned-those-blamed-say-they-are-innocent>
- Saleem A. Life in and around the infamous Moria Camp. *InfoMigrants* [Internet]. 2019 [citado 29 de janeiro de 2026]. Disponível em: <https://www.infomigrants.net/en/post/20024/life-in-and-around-the-infamous-moria-camp>
- Sphere. O manual Esfera: carta humanitária e normas mínimas para resposta humanitária [Internet]. 4.ª ed. Sphere Association; 2018 [citado 29 de janeiro de 2026]. Disponível em: <https://spherestandards.org/wp-content/uploads/Sphere-Handbook-2018-BRPortuguese.pdf>
- RSA. Moria nightmare. Refugee Aegean Support [Internet]. 2020 [citado 29 de janeiro de 2026]. Disponível em: <https://rsaegean.org/en/moria-nightmare/>
- DW. Refugees living in dire conditions on Lesbos [Internet]. 2017 [citado 29 de janeiro de 2026]. Disponível em: <https://www.dw.com/en/refugees-living-in-dire-conditions-on-lesbos/video-41837591>
- UNHCR. Refugees speak of dreadful reality inside Lesbos' Moria camp [Internet]. 2020 [citado 29 de janeiro de 2026]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z5Xv5e-35Io>
- Smith H. «Welcome to prison»: winter hits in one of Greece's worst refugee camps. *The Guardian* [Internet]. 2017 [citado 29 de janeiro de 2026]. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2017/dec/22/this-isnt-europe-life-greece-worst-refugee-camps>
- Godin M. TIME [Internet]. 2020 [citado 29 de janeiro de 2026]. UN calls for «emergency measures» to improve conditions in greek refugee camps, amid overcrowding and risk of disease outbreaks. Disponível em: <https://time.com/5781936/lesbos-greece-refugee-camps-dangerous/>
- Nye C. Children «attempting suicide» at Greek refugee camp [Internet]. 2018 [citado 29 de janeiro de 2026]. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-45271194>
- Hernández J. Lesbos: empower both islanders and asylum seekers to defuse tensions. *The New Humanitarian* [Internet]. 2020 [citado 29 de janeiro de 2026]. Disponível em: <https://www.thenewhumanitarian.org/opinion/2020/02/17/Lesbos-asylum-seekers-defuse-tensions>
- Ekathimerini. Afghan teen dead, four hurt in Moria brawl. *Ekathimerini* [Internet]. 2020 [citado 29 de janeiro de 2026]. Disponível em: <https://www.ekathimerini.com/news/251489/afghan-teen-dead-four-hurt-in-moria-brawl/>
- Hennicke C. Camp Moria: children contemplating suicide. *DW* [Internet]. 2018 [citado 29 de janeiro de 2026]. Disponível em: <https://www.dw.com/en/children-contemplating-suicide-in-greeces-moria-refugee-camp/a-45597294>
- MSF. Greece: overcrowded, dangerous and insufficient access to healthcare in Moria. *Médecins Sans Frontières* [Internet]. 2018 [citado 29 de janeiro de 2026]. Disponível em: <https://www.msf.org/greece-overcrowded-dangerous-and-insufficient-access-healthcare-moria>
- HRW. Greece: move asylum seekers, migrants to safety. *Human Rights Watch* [Internet]. 2020 [citado 29 de janeiro de 2026]. Disponível em: <https://www.hrw.org/news/2020/03/24/greece-move-asylum-seekers-migrants-safety>
- Ministério Público. Convenção III de Genebra relativa ao tratamento dos prisioneiros de guerra de 12 de agosto de 1949. *Procuradoria-Geral da República*; s.d.
- Heighton S. Reaching Mithymna: among the volunteers and refugees on Lesbos. *Windsor: Biblioasis*; 2020. 1 p.
- Gisti, Migreurop. Samos hotspot: inferno at the Greece–Turkey border [Internet]. 2019. Disponível em: https://www.gisti.org/IMG/pdf/report_sa-

mos_2020.pdf

29. RSA. Not again in 2024: call for upholding human rights in the Samos Closed Controlled Access Centre. Refugee Aegean Support [Internet]. 2024 [citado 29 de janeiro de 2026]. Disponível em: <https://rsaegean.org/en/joint-statement-samos-ccac/>
30. MSI. Advocacy report Greece: january 2025–march 2025. Medical Solidarity International; 2025
31. Catalfamo V. The new closed-controlled access centres in Greece: Samos as a testing ground for the EU migration [Internet]. [Athens]: Panteion University of Athens; 2022 [citado 29 de janeiro de 2026]. Disponível em: <https://repository.gchumanrights.org/server/api/core/bitstreams/c6b3a39c-ed76-4873-9d5f-a5982ba15dd2/content> doi:<http://dx.doi.org/10.25330/1401>
32. PICUM, ECRE. Beyond walls and fences: EU funding used for a complex and digitalised border surveillance system [Internet]. Brussels: EPIM; 2024. Disponível em: https://picum.org/wp-content/uploads/2024/07/Beyond-walls-and-fences_EU-funding-used-for-a-complex-and-digitalised-border-surveillance-system.pdf
33. Lusa A. Grécia inaugura primeiro campo «fechado» para requerentes de asilo. Com raio-x e arame farpado. Expresso [Internet]. 2021 [citado 29 de janeiro de 2026]. Disponível em: <https://expresso.pt/internacional/2021-09-18-Grecia-inaugura-primeiro-campo-fechado-para-requerentes-de-asilo.-Com-raio-x-e-arama-farpado-41561521>
34. RSA. Massive protests by islanders are challenging the government’s narrative on new prison structures in the Aegean. Refugee Aegean Support [Internet]. 2022 [citado 29 de janeiro de 2026]. Disponível em: <https://rsaegean.org/en/new-prison-structures-in-the-aegean/>
35. Greek Council for Refugees. Reception and identification procedure. Asylum Information Database [Internet]. 2025 [citado 29 de janeiro de 2026]. Disponível em: <https://asylumineurope.org/reports/country/greece/asylum-procedure/access-procedure-and-registration/reception-and-identification-procedure/>
36. Solomon. Unaccompanied children sleep on the floor in shifts in Greece’s «model camps». The EU is aware. We Are Solomon [Internet]. 2025 [citado 29 de janeiro de 2026]. Disponível em: <https://wearesolomon.com/mag/focus-area/migration/unaccompanied-children-sleep-on-the-floor-in-shifts-in-greece-model-camps/>
37. Glocal Roots. “They don’t care about us”: voices from Kos exposing inhumane migration policies [Internet]. Zürich: Glocal Roots; 2025. Disponível em: <https://glocalroots.org/wp-content/uploads/2025/02/They-dont-care-about-us-Voices-from-Kos-exposing-inhumane-migration-policies.pdf>
38. Amnesty International. Samos: unlawful detention and sub-standard conditions must not become a blueprint for the EU Migration Pact. Amnesty International [Internet]. 2025 [citado 29 de janeiro de 2026]. Disponível em: <https://www.amnesty.eu/news/samos-unlawful-detention-and-sub-standard-conditions-must-not-become-a-blueprint-for-the-eu-migration-pact/>
39. Amnesty International. Greece: Samos: “we feel in prison on the island”: unlawful detention and sub-standard conditions in an EU-funded refugee centre [Internet]. 2024 [citado 29 de janeiro de 2026]. Disponível em: <https://www.amnesty.org/en/documents/eur25/8356/2024/en/>
40. Polidori G, Impiglia D. Facing gendered challenges in the Samos CCAC: advocating for safe spaces for women. Samos Volunteers [Internet]. 2025 [citado 29 de janeiro de 2026]. Disponível em: <https://www.samosvolunteers.org/blog/2025/3/7/facing-gendered-challenges-in-the-samos-ccac-advocating-for-safe-spaces-for-women>
41. RSA. Leros. Refugee Aegean Support [Internet]. 2024 [citado 29 de janeiro de 2026]. Disponível em: <https://rsaegean.org/en/leros-2024/>
42. Rattner J. Polícia de Portugal vai construir dois centros de retenção para expulsar imigrantes. Público [Internet]. 2025 [citado 29 de janeiro de 2026]. Disponível em: <https://www.publico.pt/2025/02/13/publico-brasil/noticia/governo-portugal-cria-dois-centros-retencao-expulsar-imigrantes-ilegais-2122497>